



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## **A representação da diáspora judaica em Susana Gertopan: entre cultura e religião**

**Alexandra Santos Pinheiro<sup>1</sup>; Naelcio Crudi<sup>2</sup>**

UFGD-FACALE, C. Postal 533, 79804-970 Dourados-MS, E-mail: [alexandrapinheiro@ufgd.edu.br](mailto:alexandrapinheiro@ufgd.edu.br)

<sup>1</sup> Professora adjunta da UFGD. <sup>2</sup> PIBIC/UFGD/CNPq

### **RESUMO**

O presente artigo pretende analisar o sentido da religião nos processos identitários de pessoas que sofreram a diáspora, compreender como o mito faz parte da tentativa de manter-se ligado à terra de origem ou a comunidade de origem e manter viva a esperança redentora de retorno às gênesis. Além disso, o texto também propõe uma reflexão sobre a inserção do sujeito da diáspora na cultura para a qual foi deslocada. Para isso, analisaremos a narrativa de Susana Guertopan (2010), estabeleceremos vínculos com as teorias de cultura, identidade e tradição de Hall (2006, 2013) e, para entender pontos da cultura judaica, investigaremos o Antigo Testamento.

**Palavras-chaves:** Diáspora, Judeu, Identidade Cultural, Processos Identitários, Susana Gertopan

### **INTRODUÇÃO:**

O presente artigo tem a finalidade de refletir sobre o sentido da religião para pessoas que sofreram diáspora. Procuramos compreender como o mito faz parte da tentativa de manter-se ligado à terra de origem e como a religião pode ser entendida como forma de voltar às origens e manter viva a esperança redentora de retorno ao lugar de nascimento. Além disso, o texto propõe uma reflexão sobre o abandono da religião e a incorporação do sujeito da diáspora na cultura do local para onde foi deslocado.

Para compreender esse processo, analisaremos a obra *El Nombre Prestado*, de Susana Gertopan. A narrativa permite uma representação da diáspora, uma vez que se trata de

uma família judia que fugiu da Polônia durante a Segunda Guerra Mundial . O judeu *Hain*, extremamente ligado à cultura original, conflita em grande parte do enredo com o filho, o protagonista *Iósele*, nascido e criado no Paraguai. *Iósele* é o narrador-protagonista da obra, aquele que rememora e reconstrói a sua história e, concomitantemente, a relação conflituosa com seu pai. Na narrativa de Gertopan, pai e filho podem ser vistos como a metáfora da tradição e do novo. É, nesse caso, o próprio *Iósele* quem se define como um sujeito mais próximo à cultura sul-americana e, por consequência, um dissidente dos costumes judeus. Para nos auxiliar nas reflexões, emprestamos de Stuart Hall alguns conceitos sobre tradição e identidade cultural na diáspora. Além desse teórico, refletiremos sobre o entendimento dos Hegelianos, que contribui para o debate sobre religião.

Os cristãos, bem como aqueles cuja religião têm em sua gênese o judaísmo, usam a diáspora para justificar sua existência – esse sentimento não é só comum em tais religiões, mas também em religiões com berço africano<sup>1</sup>. Nesse sentido, o *estado de paraíso* foi tomado do ser humano, e agora ele precisa passar por um tempo de luta sobre o mundo físico para que ele retorne ao seu estado inicial: “ O Senhor Deus, pois o [o homem, com isso também sua mulher, pois era sua acompanhante] lançou fora do Éden, para lavrar a terra, de que fora tomado” (Gênesis, capítulo 3, versículo 23).

Stuart Hall afirma que essa sensação de estar em uma terra irreconhecível – pois “a história interveio irrevogavelmente” é

profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Expulsão do Paraíso – literalmente, “não estamos em casa” [como afirma Iain Chambers] (HALL, 2003, p. 27).

A maioria das religiões, especificamente as que descendem do judaísmo, prega que é necessário fortalecer os laços com o Sagrado para que o indivíduo volte ao lugar do qual se perdeu, o paraíso. Veja que o elo que une a humanidade com o lugar do qual ela saiu (o paraíso) é justamente a religião. Pessoas vivem em torno dessa crença, estabelecem a si e a seus filhos sobre essa ideologia, sobre a mesma constituem métodos de governo e de Estado. Isso mostra que a religião não é algo de pouca importância para o ser humano, pois, para a

---

<sup>1</sup> Separação do Orum e Aiê: No começo não havia separação entre o Orum, o Céu dos orixás, e o Aiê, a Terra dos humanos. Homens e divindades iam e vinham, coabitando e dividindo vidas e aventuras. Conta-se que, quando o Orum fazia limite com o Aiê, um ser humano tocou o Orum com as mãos sujas. O céu imaculado do Orixá fora conspurcado. O branco imaculado de Obatalá se perdera. Oxalá foi reclamar a Olorum. Olorum, Senhor do Céu, Deus Supremo, irado com a sujeira, o desperdício e a displicência dos mortais, soprou enfurecido seu sopro divino e separou para sempre o Céu da Terra (PRANDI, 2001, pp. 524-528).

maioria, é necessário dar sentido à existência. Para Marx, por exemplo, a religião surge das necessidades do homem (a necessidade de dar sentido a existência), como explica Feracine:

Os hegelinianos de esquerda como Feuerback, Marx e outros que adotam a filosofia de Hegel com radical negação dos fenômenos sobrenaturais, a religião seria mera hipótese das necessidades, dos desejos e dos ideais humanos, Assim não foi Deus que criou o ser humano, sim, o homem que criou o seu Deus (FERACINE, 2011, p. 20).

Essas relações de ideias permitem compreender a necessidade que um sujeito da diáspora tem de afirmar os elos com a religião de sua geografia de origem, pois, quando isso ocorre, o sujeito se liga ideologicamente a terra da qual foi deslocado, já que algumas religiões são mais específicas de uma localidade a outra. A personagem de Gertopan, Hain, usa a mesma tática que cristãos usam: a religião como ligação ideológica à própria terra e cultura.

Cultura não é apenas religião<sup>2</sup>, porém, é um forte componente de tal conceito. E a crença engloba grande parte da cultura, como, por exemplo, a maneira de se vestir, os hábitos alimentares, a maneira de distribuição do poder, as penas aplicadas a condutas desviantes, dentre outros. Em outras palavras, o credo pode ser a maneira mais fácil de permanecer-se ligado à terra de origem, principalmente para os judeus. Para o povo hebreu, Deus os levaria a uma terra com abundância agrícola. Essa promessa incentiva cerca de três milhões de hebreus a fazer um êxodo do Egito às terras onde Javé mostraria. Essa terra seria Israel. É muito estreita a relação com o lugar físico para os judeus, é algo existencial. A terra está diretamente ligada à religião e à “vontade de Deus”, segundo suas concepções.

Ao analisarmos a obra de Susana Gertopan, *El Nombre Prestado*, sobressai a história de um homem hebreu que sofreu com a disseminação de seu povo devido ao nazismo alemão. Essa personagem se chamava *Elías Kohenz*, que, por proteção, viu-se na necessidade de trocar de nome para conseguir fugir, o nome escolhido foi o de um soldado alemão. Para o judeu, a relação de convívio com pessoas que não tenham linhagem hebreia é muito conflituosa, pois concebem que aqueles que estão fora de seu povo e de seus costumes são chamados de gentios. Para os hebreus, há uma auto denominação: povo de Deus. Seria contraditório e penoso para alguém do povo de Deus conviver em meio aos gentios. Foi exatamente essa contradição que a personagem *Elías Kohenz* teve que assimilar. Por fim, ao analisamos a obra

---

<sup>2</sup> Religião: crença de que existem forças superiores (sobrenaturais), sendo estas responsáveis pela criação do universo; crença de que essas forças sobrenaturais regem o destino do ser humano e, por isso, devem ser respeitadas.

de Susana Gertopan, compreendemos os conceitos de diáspora, identidade e religiosidade para as personagens representadas pela escritora paraguaia: *Iósele e Elías Kohenz*.

## 1. A representação da diáspora: Susana Gertopan e sua obra

A Escritora Susana Gertopan nasceu na capital paraguaia, Assunção, em 1956, descendente de família de origem judaica. Na infância, residia em um bairro palestino em Assunção. Seus pais pertenciam a primeira geração de judeus na América após o holocausto, o que confere um sentido aliado de suas narrativas com sua própria existência. Guertopan tenta reconstruir e conhecer seus processos indetitáveis na ficção, como se seu romance nesse texto analisado, bem como os outros romances escritos pela paraguaia, os quais são decorrentes de fragmentos da trajetória de sua família, dos patrícios de sua família, bem como dela própria. Como relata em entrevista concedida a Alexandra Pinheiro em 2012:

Mi familia paterna y mi familia materna es la primera generación que queda viva después del holocausto; mis abuelos maternos, con quienes yo me crié y viví, y de quienes recibí muchísima influencia judaica en cuanto a las tradiciones y también sobre la historia del holocausto, esa parte triste que ocurrió en Europa del Este. (Revista Arandu, 2013, p. 6)

A autora foi criada por seus avós, imigrantes, judeus, sujeitos da diáspora. Por esse motivo, recebeu muita influência judaica em sua vida, visto que seus avós chegaram em Assunção-PY em meados de 1930, sob muita influência do medo do holocausto, que repercute em *El Nombre Prestado*. Por viver com seus avôs, a autora tem certo domínio a língua *yiddish*, língua usada pelos judeus, porém, a geração da autora e a geração de seus pais não tem mais o domínio desta forma de linguagem, já que nasceram e cresceram na América, pois, Gertopan, dominar o *yiddish*, revela um comprometimento com a cultura judaica.

*El Nombre Prestado* está em sua 3ª (terceira) edição no ano de 2010 (novembro, *Servi Livros*, na língua espanhola), marcando o sucesso e a importância dessa obra. Nessa edição, o título do livro aparece nas cores branco e vermelho, sendo que as palavras *El Nombre* aparecem em branco, desenhadas com traços da escrita hebraica, o que estabelece no campo visual a relação com o judaísmo, por se tratar de um desenho com formato icônico. A palavra *Prestado* é escrita com letras vermelhas, lembrando sangue, representando a morte, o holocausto, que foi a causa do nome ser emprestado, motivo do deslocamento. Com o intuito de salvar a própria vida, o pai do narrador migra para um país completamente diferente e enfrentar um Novo Mundo com suas culturas e combinações de povos advindos de muitas

culturas e genéticas.

A ficção é a uma leitura da realidade que está cercado o autor, como diz Aristóteles, é a representação da realidade – mimese:

O conceito de mimesis permeia toda a Poética de Aristóteles e que representa fulcro central artes imitativas. Para Platão este conceito de mimesis é pejorativo, pois impede ao cidadão da República de se aproximar do “mundo real” das ideias em si. Enquanto que Aristóteles, compreende o conceito mimesis como um aspecto fundamental das artes miméticas. A mimesis é imitação da ação. Há uma separação entre os indivíduos que praticam as artes miméticas e esta divisão é estabelecida conformemente à qualidade dos que representam a imitação. Conclui-se, por fim, que todas as artes poéticas - inclusive a dança, pintura, escultura e música - são reconhecidamente artes miméticas (ARAÚJO, 1999, p. 33).

Nesta linha de pensamento, podemos perceber que Susana Gertopan encontrou na literatura um meio de se localizar em sua cultura e de tentar descobrir sua identidade, mesmo que encontrar a identidade nesta sociedade seja algo que dificilmente terá por fim o alvo de seu objetivo, principalmente na América, terra em que foram recebidos vários povos, em vários tempos distintos, de múltiplas geografias, com culturas diferentes.

Na miscigenação americana, a identidade foi fragmentada e acrescidas em si marcas de culturas diferentes da cultura de origem de cada povo. Tão forte essa marca de miscigenação que, dificilmente, poderemos definir a identidade de um indivíduo, mas podemos falar e analisar os processos indenitários sofridos pelas pessoas e sua repercussão, suas marcas, seus recalques.

Uma vez que o sujeito muda de acordo com a forma que ele é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, as vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para um política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

Os deslocamentos de povos e as rupturas com a cultura de origem e sua degradação ocasionou a fragmentação identidades modernas, como pontua Hall.

Aquelas pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que ocorreu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua degradação, mas seu deslocamento. Elas descrevem esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno (HALL, 2006, p. 34).

Susana Gertopan viveu, quando criança, a ditadura no Paraguai, a ditadura de

Stroessner<sup>3</sup>, e afirma ter lembranças terríveis de repressão. Na época, era instruída para ter cuidado com o que dizia, com o que fazia. Mesmo aspecto mostrado no romance analisado, que os sujeitos da diáspora ainda mantinham o medo, não da ditadura do Paraguai, mas do nazismo na Europa, os imigrantes trouxeram consigo toda essa carga de medo e, no romance, ao se referir sobre o holocausto, ainda falavam baixo e com tom de medo de alguém escutar e os punir, mesmo depois de anos que as personagens passaram por toda a experiência o antissemitismo.

Mi padre, la tía Jane, y el tío Itsic aproximaron sus sillas y se sentaron los tres muy juntos para hablar de cosas de antes y recordar historias que solamente entre ellos podían compartir. Yo los observaba. Hacía años que nos los veía así, y era como si el tiempo no hubiera transcurrido. Se repetía la misma escena, la misma conversación. Ellos insistían en ser los mismos de hace cuarenta años y en mantener viva la memoria. Recordaban siempre las historias de cuando vivían en Europa, de como escaparon, y de cuando se volvieron a encontrar en América, creyendo que así permanecían resguardados de cualquier mal que les pudiera volver a ocurrir. El miedo, y la sensación de continuar siendo perseguidos les duró el resto del tiempo. Hablaban de los muertos como si siguieran vivos. Hablaban de la muerte como si no existiera. Hablaban de la vida con dolor. Ahí estaban un pasado injusto y un presente negado. (GERTOPAN, 2010, pp. 110-111).

Na capa do livro, palavra "*Prestado*" em vermelho se sobrepõe a palavra em branco "*Nombre*". Isso da ideia que o perigo, a morte, foi maior que a força da cultura, pois o nome para o judeu é de suma importância, e, segundo a crença dos hebreus, o nome decide caráter e destinos, como será melhor exposto no sub-tópico seguinte.

Na capa há a imagem de documentos deteriorados e parte que levaria o nome do indivíduo está fragmentada. A imagem dos documentos deteriorados estão sobrepostas à face de uma pessoa de aparência masculina, o que denota perda de identidade, um ser humano escondido por um documento, um falso nome, que subjuga a humanidade do ser em questão. Também expressando deslocamento de identidade, a imagem desse homem, coberto por um documento, aparece com sua lateral queimada, mostrando irreversibilidade nas contradições sofridas por quem teve o nome que decidia destino e caráter emprestado de outro. Ainda na capa, há vários nomes escritos com letra cursiva de cor branca sobrepostos em fundo vermelho, que nos permite estabelecer o entendimento de que várias identidades ou destino (como representa o nome para o judeu) foram perdidos em sangue (tragédia, morte, holocausto).

Podemos perceber na obra relações intrincadas de vivência da autora com a ficção.

---

<sup>3</sup> Alfredo Stroessner Matiauda governou o Paraguai de 1954 a 1989.

Em Seu romance, é marca forte na relação das personagens judaicas o embate ideológico acerca da religião. Na obra *El Nombre Prestado*, os protagonistas vivem, entre si, conflitos. O livro é narrado por Alejandro, narrador-personagem, que conta sua história de maneira não linear, começando a narrativa pelo período que já era professor de faculdade, retomando acontecimentos passados, de sua infância, do passado de seu pai, o passado de sua família e o presente. Veremos como Pai e filho são de características difíceis e que nesse jogo *Alejandro* tem vantagem, já que é o narrador.

## 2. Identidade e religião entre as personagens judaicas de Gertopan

Há na pós-modernidade uma “crise de identidade”, não podendo conferir uma identidade a um sujeito, mas identidades. Teóricos afirmam que a concepção de identidade moderna está entrando em colapso, nesse sentido Stuart Hall afirma:

O próprio conceito com qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas (HALL, 2006, p. 8).

Tanto *Alejandro*, quanto *Hain*, passaram por processos indetitórios, nossas personagens passaram por “crises de identidade”, como cita Hall:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, P. 7).

Em determinado trecho da narrativa, *Alejandro* se vê cercado pela cultura judia de sua família, esse fato ocorreu na casa de *Jane*, sua tia, quando acompanhou a seu pai, *Hain*, até a casa de seus tios. O cenário que se instaurou nesse dia foi a manifestação da cultura dos sujeitos da diáspora. *Alejandro* se viu em dúvida diante de sua identidade, e ele narra esse acontecimento:

Se creó un ambiente grato, familiar, amable, sencillo, un clima de tradición, de profunda y rica tradición, con mucho *yiddishkait*, la comida, las conversaciones, los diálogos, los olores, las fotos, los afectos, las canciones y los recuerdos. Esa atmósfera en la que nadaba, me hizo dudar. Si yo también pertenecía a todo aquello, ¿Por qué negaba? ¿por qué me opnía a hablar

*yiddsh*, si em realidade li sabía? ¿Por qué ignoraba esa tradición si también era la mía? ¿Era por mi padre? ¿Qué escondía yo em mis negaciones? ¿Qué ocultaba él em sus reclamos? ¿Por qué insistía tanto em que yo siguiera com esa tradición? Em esse lugar me resultaba muy difícil aceptar aquella situación (GERTOPAN, 2010, p. 111).

*Alejandro* conflita com seu pai, *Hain*, em diversos momentos do romance, principalmente pelo acontecimento da mudança de nome de *Alejandro*, o qual tinha por nome *Iósele*. Esse conflito se deve ao sentido que o nome tem na religião. Segundo o pai, a troca de nome era a prova de que seu filho estava negando toda a cultura familiar, étnica, bem como religiosa. Era motivo de discórdia quando o pai chamava o filho pelo nome antigo:

¡Papá! ¡No insistas más em llamarme Iósele! Ése ya no es mi nombre, quieres que vivamos juntos, que retrocedamos como em uma máquina del tempo, que dejemos de lado las discusiones. Eso es imposible, imposible, mientras tú no me respetes, ni respetes mis pensameientos y mi vida (GERTOPAN, 2010, p. 52).

O deus do povo de linhagem hebreia é chamado *Deus de Abraão*, *Deus de Isaque* e *Deus de Jacó*. Abraão, Isaque e Jacó pertencem à mesma família, sendo Abraão o pai de Isaque e Isaque o pai de Jacó. São chamados *Patriarcas*, são as personagens mais importantes no *Pentateuco* (livro sagrado do judeu, os cinco primeiros livros da bíblia cristã, compreendidos e Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio).

Deus de Abraão estabeleceu uma aliança com Abrão (que tinha esse nome antes de Jeová tê-lo renomeado) que ele seria pai de muitos filhos e que dele descenderia uma grande nação, a qual seria Israel.

Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma benção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra (Gênesis, capítulo 12, versículos 1 a 3).

Segundo dados teológicos, Abrão teria 75 anos quando foi feita a ele a promessa de uma nação poderosa que nasceria de sua descendência. A bíblia relata que só aos 99 anos Abrão teve o início do cumprimento das promessas de Yavé (Senhor em hebraico):

Sendo pois Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o senhor a Abrão, e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito. E porei a minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei grandísimamente. Então Abrão caiu sobre seu rosto, e falou Deus com ele, dizendo: Quanto a mim, eis a minha aliança contigo: Serás pai de muitas nações. E Não se chamará mais Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai de muitas nações te tenho posto... Disse Deus a Abraão: A Sarai tua

mulher não chamarás pelo nome de Sarai, mas Sara será seu nome. Porque eu a hei de abençoar, e te darei dela um filho; e a abençoarei, e será mãe das nações; reis de povos sairão dela (Genesis, capítulo 17, versículos 1 a 5 e 15 a 16).

Aquilo que Abraão escutou foi sancionado com a troca de nomes, o significado dos nomes decidiam destinos, haja visto que *Sarai* (esposa de Abraão) significa estérreo, e Sara, mãe de muitos filhos e Abraão significa pai de muitos filhos. Ante a isso, Abraão e Sara geraram a Isaque, que gerou a Esaú e a Jacó, o qual Jacó teve doze filhos homens que constituíram as doze tribos de Israel, as quais formaram Israel. Nesse sentido, podemos ver a significância e relevância do nome para o judeu. Bastante relevante, também, no pentateuco e na cultura judaica, é a troca de nome do patriarca Jacó. Refletiremos sobre seu nome, o motivo do primeiro nome, e a troca de nome e significados, a partir disso exporemos as implicações que isso se deu.

E cumprindo-se os dias de dar à luz, eis gêmeos no seu [Rebeca] ventre. E saiu o primeiro ruivo e todo como um vestido de pelo; por isso chamaram o seu nome Esaú. E depois saiu o seu irmão, agarrada sua mão ao calcanhar de Esaú, por isso chamou o seu nome de Jacó. E era Isaque de sessenta anos quando gerou (Gênesis, capítulo 25, versículos 24 a 26).

O texto relata que Jacó queria usurpar a primogenitura de Esaú, sendo eles ainda recém nascidos. Esse fato configurou a Jacó um recém-nascido traidor, por isso recebeu esse nome, segundo entendemos no contexto do relato do livro de gênesis.

Seguindo os relatos do pentateuco, o que segue após Jacó receber esse nome é a tentativa de sabotar seu irmão Esaú para usurpar a primogenitura. Como Esaú era um homem da caça, após o cansaço da lida, ele chegou em sua casa, e o texto conta que Esaú estava a ponto de morrer de fome. Jacó ofereceu, então, um guisado de lentilhas e fez com que seu irmão mais velho jurasse que a primogenitura seria passada ao irmão mais novo, caso contrário Jacó não cederia o guisado a seu irmão: “E Jacó deu pão a Esaú e o guisado de lentilhas; e ele comeu, e bebeu, e levantou-se, e saiu. Assim desprezou Esaú a sua primogenitura.” (Gênesis, Capítulo 25, versículo 34).

Diante esse escambo, Jacó ficou sendo o primogênito de Isaque. Algo interessante de se notar é o fato que se Esaú não trocasse sua primogenitura, o nome de Javé seria *Deus de Abraão, de Isaque e de Esaú*. O seu nome seria usado para nomear o próprio Deus, acreditasse. Mas como o nome de seu irmão era *Jacó (Traidor)*, isso não foi possível. Isso denota que, para o judeu, a troca de nomes configura relevância até no próprio nome da divindade

suprema.

Após uma série de acontecimentos narrados no livro de Gênesis, Jacó tem o nome mudado para Israel: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste.” (Gênesis, Capítulo 32, versículo 28). O que se nota é que o nome de Jacó foi mudado, pois o nome da nação que Deus havia prometido a Abraão seria o de Jacó, o que não soaria bem, pois a terra prometida teria o significado de *traidor*. Ante a isso um anjo, segundo o texto, foi enviado por Jeová, o qual mudou o nome de *Jacó* para *Israel*, o que significa *príncipe*. A troca de nomes deu origem ao nome da nação, segundo o credo judeu.

Esses relatos do pentateuco, para o Judeu, o faz conferir extrema importância ao nome. E foi essa a substância do forte embate de *Hain* e *Alejandro*. O Pai de *Alejandro* é fortemente ligado à cultura judaica. Viveu o antissemitismo na Europa, a época do holocausto. Nos principais períodos narrados, *Hain* se encontra com cerca de 80 (oitenta) anos, judeu crédulo. A principal forma de ligação com a terra de origem para esse homem seria a religião. *Hain* perdeu sua família e seu nome no holocausto, por isso se mantinha amargo. Sua principal motivação de existência é seu deus, o qual os laços do credo são guiados pela prática da religião.

Toda a carga cultural para o pai do protagonista se instaura na religião. O que sabemos é que a religião é o berço da maioria das culturas: os atos ruins ou bons são justificados pela religião. A comida do judeu, elemento da cultura, é definida inteiramente pelo livro sagrado, o torá, onde se encontra, inclusive, dias no ano onde é permitido consumir apenas determinado tipo de comida. Todas as festas do povo judeu estão descritas no livro do credo. Grande parte da cultura hebraica descende dos caminhos ditados pela religião.

O conflito de *Alejandro* e seu pai se dá pelo fato de que o filho não vive a cultura e a religião do pai, mas é incorporado nas tradições da América. O seu nome é americanizado. Segundo o pai, essa troca de nome é a contundente prova de que o filho negou a família e as tradições, o que significava algo ofensivo para o pai, que tinha sua vida justificada pela cultura.

*Hain* e *Alejandro* moravam em lugares distintos, e, quando se visitavam, haviam desentendimentos advindos da tentativa do pai fazer com que o filho voltasse as raízes das tradições. O idoso judeu nunca compreendeu tamanha inserção do filho na cultura tão

diferente da cultura familiar, como mostra a narrativa:

Cada vez que él me visitaba para mí significaba un desgaste físico e emocional enorme y después de su partida quedaba exhausto. Siempre discutíamos sobre li mismo, mi profesión, mi trabajo o mi estado civil, ya que él nunca aceptó que yo, siendo un sociólogo, carrera que tampoco entendía de qué se trataba, me ganara la vida dando cáterdras de literatura y de filosofía en una universidad, o también que después de haber estudiado periodismo, trabajara como colunista cultural en un diario vespertino poco leído (GERTOPAN, 2010, p. 12).

Entre o pai e o protagonista não havia entendimento quanto ao filho ser solteiro já que a base da cultura judaica é a família. Para eles, o deus judeu iniciou a vida humana na terra com um casal, e a ordem seria que eles se multiplicassem. *Alejandro* tampouco tinha essa concepção: era divorciado, havia um relacionamento complicado com uma segunda mulher não-judia e teve diversos relacionamentos com mulheres diferentes.

A primeira esposa, Sofia, com quem permaneceu casado durante cinco anos, era de linhagem judia, por isso a escolha aprovada pelo pai. *Alejandro* não permaneceu no matrimônio com a judia e ainda mantinha relacionamentos com mulheres fora da linhagem dos hebreus, o que para seu pai era de grande afronta à cultura.

Moises havia casado com uma mulher da Etiópia, e Mírian e Arão começaram a critica-lo por causa disso. Eles disseram: Será que o Senhor tem falado somente com Moisés? Será que não tem falado por meio de nós? (Números, capítulo 12, versículos 1 e 2).

O líder do êxodo do Egito, berço da civilização hebraica, Moisés, sofreu retaliação de sua irmã e do sacerdote Arão por ter se casado com uma etíope, pois não era uma mulher da linhagem hebraica. Era exatamente o que fazia *Hain* com seu filho, acusado de ter desobedecido uma ordem do credo.

A história ganha um rumo surpreendente quando chegam algumas cartas ao apartamento do professor universitário, que era o antigo apartamento onde seus pais moraram. A carta era endereçada a *Elías Kohenz*. Apesar de *Alejandro* não conhecer alguém com tal nome, ficou intrigado.

Transcurrió un par de semanas luego de haber recibido aquella correspondência que me dejó curioso e intrigado, cuando de nuevo recibí outra igual, com el mismo nombre del remitente, y la misma dirección que coincidía com el nombre del edificio donde yo vivía, y com el número de mi departamento. Eran demasiadas coincidencias para que me quedara com la duda. Dos cartas em tan corto tiempo! Ya no me pareció um simple error. Y

así fue como la curiosidade ganó, y lá abrí. Rompíel sobre com cuidado para no estropear lo que pudiera haber dentro, y saqué contenido que consistía em dos hojas amarellentas, escritas a mano, y em *yiddish*. (GERTOPAN, 2010, p 233).

A carta se tratava de um familiar de *Hain*, um irmão. *Hain* não sabia que havia um irmão, acreditava que todos de sua família haviam morrido no holocausto. E agora esse familiar o descobrira na América. Esse acontecimento fez com que ocorresse uma antítese na trama, pois o próprio repressor da troca de nome, o pai, era também um sujeito que se viu na necessidade de trocar de nome, e o fez. *Hain* tinha por nome antigo *Elías Kohenz*. A necessidade da troca de nome seria uma forma de se refugiar na América.

*Hain* via em seu filho *Ioséle* o próprio *Elías*, mas quando *Ioséle* se transforma em *Alejandro*, é como se diante de *Hain* houvesse um espelho daquilo que ele fez: Negou sua cultura, sua origem, sua religião, seu povo. Toda essa carga de auto condenação foi transferida ao filho, pois o pai passou a se enxergar no filho. Para o pai, a troca de nome do filho representava renúncia das raízes, se rebelar contra a cultura e negar toda a importância do nome na religião. Já que o nome tem peso crucial na cultura hebraica. Agora, toda a carga de desertor da cultura que o pai lançava sobre o filho recai sobre o próprio pai.

*Hain*, convalescendo de tamanha tristeza por se reencontrar com seu passado, adoece e morre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver em meio de pessoas que tem hábitos e culturas diferentes não é tarefa fácil, ainda mais para um judeu, que é alguém que preserva vários pontos de vistas tradicionais, como a insolubilidade do casamento, o amplo acesso de mulheres ao sagrado. Na época em que *Elías* haveria chegado à América, era um sociedade patriarcal e tradicional, porém, com menor intensidade se comparada a do povo judeu.

Logo que essa personagem chega à América, busca por bairros judeus, por convívio judeu e por construir e fazer parte de uma *sub-sociedade*. Casa-se com uma judia e tem um filho, o qual é educado nos moldes dos costumes hebreus.

O judeu sempre buscou contato com sua geografia e cultura através da religião. Porém, guardava em si frustrações advindas das contradições com a cultura de seu povo de origem: a troca de nome.

O nome para o Judeu dizia muito. Para *Elías*, o ato de trocar de nome denotava covardia, fuga de sua origem, negação de sua história, traição aos que morreram nos campos de concentração. Mas as contradições não se findam nisso.

Concluimos que a religião tem relevância nos processos identitários e vemos que a ficção nos tem ajudado a compreender as dinâmicas da identidade na Pós-modernidade.

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Renato. *O conceito de Mimesis na poética de Aristóteles*. Disponível em: <http://www.geocities.ws/ferreavox/mimesis.html>. Acesso em: 07/06/2014.

*Bíblia de estudo das profecias*. Editor John C. Hagge. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Atos, 2005.

Dicionário online de português. Disponível em <http://www.dicio.com.br/religiao/>. Acesso em 08/08/2014.

FERACINE, Luiz. *Karl Marx ou A sociologia do Marxismo*. 8ª vol. São Paulo: Editora Escala, 2011.

GERTOPAN, Susana. *El Nombre Prestado*. 3ª ed. Asunción – Paraguay: Servi Libro, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu da Silva, Guaricira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização: Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

*REVISTA ARANDU*. Agosto-Setembro-Outubro/2013. Dourados: Nicanor Coelho editor.